

O PIBID¹ E A GINCANA ESTUDANTIL: SOCIABILIDADES, INTERDISCIPLINARIZAÇÃO DE SABERES E PRÁTICAS NA ESCOLA ESTADUAL MARIA CRISTINA - RN

Yara Galdino Dutra²
Cíntia Cíbele Coelho de Andrade³
Vitor Hugo Rufino Santos Costa⁴
Robson William Potier⁵
Margarida Maria Dias de Oliveira⁶

RESUMO

O presente artigo é fruto da experiência obtida através do subprojeto História, pertencente ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), ofertado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - Campus Natal Central. Nele, refletimos sobre as nossas vivências como alunos bolsistas do PIBID (doravante, pibidianos), bem como abordamos os resultados obtidos pelo processo de ensino-aprendizagem da disciplina história, o qual foi desenvolvido em uma turma do 6º ano da Escola Estadual Maria Cristina (EEMC), que é contemplada pelo programa. Este trabalho é produto das visões dos pibidianos em exercício de docência assistida. Nesse sentido, nosso recorte se detém à análise de duas apresentações específicas, a saber: a produção e declamação de um poema; e a escrita e encenação de uma peça teatral. Ambas tiveram como temática o combate ao racismo e foram apresentadas durante a Gincana Estudantil da escola, como parte da programação da Semana do Estudante da EEMC. O tema central desse evento foi identidade, realizado em agosto de 2023, na cidade de Parnamirim - RN.

Palavras-chave: Ensino de História, Gincana Educacional, Trabalho Interativo, Autoidentificação. Anti racismo.

INTRODUÇÃO

Em primeira análise, convidamos o leitor para uma reflexão acerca do exercício da profissão docente. O ato de ensinar requer que tomemos consciência dos muitos desdobramentos que permeiam a prática em sala de aula e o ambiente escolar como um todo. Em nossas experiências como pibidianos, especialmente no trabalho através da Gincana Estudantil, nos deparamos com o alto grau de complexidade das esferas que compõem a escola e o fazer docente. São muitas as suas ramificações, que vão desde o planejamento

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em andamento pelo subprojeto História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no campus Natal Central.

² Licencianda em História pela UFRN. yara.galdino.113@ufrn.edu.br

³ Licencianda em História pela UFRN. cintia.andrade.088@ufrn.edu.br

⁴ Licenciando em História pela UFRN. vitor.hugo.rufino.109@ufrn.edu.br

⁵ Professor Supervisor do PIBID-História pela UFRN.

⁶ Orientadora e Coordenadora do PIBID-História da UFRN.

pedagógico das atividades pelo professor, até o tratamento dado pela equipe escolar aos responsáveis pelos estudantes. Essa sensibilidade, essa preocupação, esse zelo, não dão nome a nenhuma disciplina da licenciatura em história. Ousamos dizer que jamais existiu uma tal que se chamasse: “Como ensinar história para o 6º ano A”; outra que teria sido muito útil para nós se chamaria “Como ser pibidiano na Escola Estadual Maria Cristina”. Nenhuma dessas questões poderiam ser aprendidas em uma disciplina: elas foram desenvolvidas unicamente pelo contato com a prática, que em nosso caso se deu por intermédio da docência assistida.

Frente a essas oportunidades de aprendizado, compreendemos que o trabalho interacional na prática docente se constitui como “[...] uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu 'objeto' de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana” (TARDIF, M.; LESSARD, C. 2014, p. 8). Desse modo, a experiência docente vai muito além de aplicar conteúdos, ela reside na interação que temos com nossos alunos: é nela que podemos perceber se as competências e habilidades, que buscamos desenvolver, estão sendo efetivadas, aprendidas, praticadas.

No trabalho com a gincana, o dia começou cedo: chegamos à escola por volta das 7h30 da manhã. Por todos os lados se via alunos apressados e comprometidos com as provas da gincana. Todos haviam trabalhado duro e a escola exprimia um misto de nervosismo e animação. Alguns preparativos, como a decoração da escola e finalização do palco, ainda estavam por fazer; uns precisavam ser revistos, outros já não tinham mais jeito e seria preciso improvisar. Quando alcançamos a turma do 6º ano “A”, todos estavam mobilizados. Nos juntamos as meninas que haviam se preparado para as apresentações de dança e teatro, e enquanto finalizávamos seus cabelos e figurinos, elas discutiam simultaneamente sobre suas falas, sobre os passos de dança e compartilhavam seus gostos pessoais. Os meninos se amontoavam perto dos instrumentos musicais e repetiam sem parar o grito de guerra e as habilidades que ainda estavam desenvolvendo para a apresentação. Parte da nossa manhã se deu entre batuques, cantorias, falatórios e infindáveis perguntas: “professora, quando vamos apresentar?”, “professor, esse toque é assim mesmo? Me ensine a fazer direito”, “professores, o que vocês acharam do nosso ensaio, nós melhoramos?”.

Com tantas atividades, nos dividimos em grupos para acalmá-los e darmos conta de orientá-los na maior quantidade possível de questões. O dia da gincana foi tão cheio de acontecimentos diversos, que seria impossível descrevê-los todos. Apesar de toda a preparação e todo o ensaio, os alunos ficaram emotivos diversas vezes ao longo do dia, por diferentes motivos. Nesses momentos, entendemos com muita clareza que o fazer docente é

permeado pelas “[...] condições, as tensões e os dilemas que fazem parte desse trabalho feito sobre e com outrem, bem como a vivência das pessoas que o realizam diariamente” (TARDIF, M.; LESSARD, C. 2005, p. 8). É relevante pensar sobre isso, principalmente quando consideramos as muitas especulações que são feitas sobre os professores, como meros aplicadores da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com isso, compreendemos que, na prática, não é essa a estrutura que está posta no cotidiano das escolas.

METODOLOGIA

Em nosso exercício, as formas de interação e de trabalho docente tiveram, como princípio norteador: a necessidade de pensarmos o nosso público junto aos desafios e as potencialidades que existem na nossa escola e na turma que acompanhamos. Assim, destacamos a Gincana Estudantil como uma das atividades pedagógicas desenvolvidas pela escola que nos ajudou a pôr em prática todo o repertório adquirido nas capacitações junto a coordenação e supervisão do PIBID, no processo formativo possibilitado pela licenciatura em História da UFRN e nas reuniões institucionais de planejamento das nossas ações na escola. Em todos esses momentos, nos dedicamos a discutir estratégias para o aprimoramento do nosso fazer docente, nessa oportunidade como pibidianos de exercitar as competências e habilidades que desenvolvemos para o trabalho interacional.

Todavia, é bem verdade que a gincana, como um elemento da cultura escolar, não tem a pretensão de ensinar história. Ela se originou na Semana do Estudante e, portanto, teve como objetivo promover a integração do corpo estudantil. Como pibidianos, passamos a contribuir com as demandas do evento, colaborando com os alunos e realizando inúmeros ensaios com a turma. Nos preparativos para as provas da gincana, construímos junto aos alunos as seguintes atividades, divididas em cinco modalidades: 1) a elaboração de um grito de guerra; 2) a produção de um *sketch* teatral; 3) a construção coreográfica de uma dança; 4) a escrita e a declamação de um poema; 5) a produção de um vídeo de divulgação. Esses momentos de socialização foram um divisor de águas durante a nossa docência assistida. Todavia, neste trabalho, nos detivemos à análise do poema e do *sketch* teatral, para compor uma síntese de nossas reflexões.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse sentido, foi necessário a leitura e discussão de uma bibliografia que contribuísse com a construção dessas reflexões sobre o trabalho docente em nossa trajetória na escola.

Nesse processo, tivemos como principais referenciais teóricos o livro *O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas* (2008) dos professores Tardif e Lessard; assim como o capítulo introdutório da *Coleção Explorando o Ensino: História* (2010) e o artigo *Formação do Profissional de História na Contemporaneidade* (2014), ambos escritos pela professora e historiadora Margarida Maria Dias de Oliveira.

Do conjunto desses estudos, extraímos o conceito de trabalho interacional⁷, que se relaciona com as atribuições do trabalho docente no ambiente escolar, e com as discussões em torno de como se dá o processo de ensino e interação do professor com os alunos e a escola. Elas serviram de base para analisarmos os processos específicos de ensino-aprendizagem dessa disciplina em nosso exercício. Nesse sentido, destacamos o Ensino de História como nosso objeto de estudo, uma vez que o nosso exercício está ligado a essa disciplina e à compreensão de que devemos ensinar história como se aprende história, ou seja: o Ensino deve possibilitar que os estudantes sejam protagonistas de sua própria aprendizagem, orientados pelo desenvolvimento de uma consciência histórica crítica, como produto subjetivo das reflexões construídas coletivamente nas aulas de história.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, embora haja uma infinidade de possibilidades a serem tratadas, apresentaremos apenas duas atividades desenvolvidas por nós na gincana, elas guiarão essa discussão, a saber: a elaboração de uma peça teatral e de um poema. Ambas as produções tiveram como temática o combate ao racismo, que foi estimulado a partir de discussões prévias sobre a consciência negra, o pluralismo cultural e o conceito de identidade. Escolhemos abordar exclusivamente essas experiências, pois consideramos que elas são mais expoentes dos resultados obtidos pelo ensino-aprendizagem de história.

Por meio da gincana, identificamos nos alunos diferentes potencialidades, entre competências e habilidades, que entendemos como produto das aulas de história previamente lecionadas, dentre elas: 1) que o Ensino de história contribuiu para o desenvolvimento do senso de solidariedade e cooperação, evidenciando o coletivo e o combate ao preconceito; 2) que os estudantes foram capazes de interpretar aspectos da sociedade em que estão inseridos, por meio da problematização e do uso do passado; 3) que eles compreendem que a história é

⁷ De acordo com os autores, o trabalho docente é um tipo de trabalho interativo, onde o profissional precisa interagir com diferentes camadas da sociedade, como os alunos (as), seus tutores legais, outros professores, o setor de gestão da escola e a própria comunidade que se envolve com a escola. Essas trocas tipificam e diferenciam a docência de outras formas de trabalho interativo. (TARDIF, M.; LESSARD, C. 2005).

construída a partir de rupturas e continuidades, expressas na elaboração de narrativas com começo-meio-fim; 4) que houve o desenvolvimento de consciência histórica, por meio da reflexão de temas como racismo estrutural, feminismo e identidade. Adiante, abordaremos dois acontecimentos que justificam esses potenciais.

Primeiramente, a peça foi encenada com base em um *sketch*, o qual foi produzido a partir da adaptação de uma história em quadrinhos (HQ) a fim de esboçar uma dramaturgia. A narrativa, intitulada *Luzia em... Black do Poder!* (2023), foi criada por uma aluna e convertida pelos pibidianos para o formato de roteiro, com o intuito de facilitar o contato dos estudantes com as falas dos personagens. Além disso, fizemos algumas adaptações a fim de incluir mais alunos na apresentação, uma vez que a HQ apresenta somente dois personagens. Após essas modificações, sete alunas e dois alunos se voluntariaram para compor o elenco da produção – dentre eles, um dos alunos ficou como ator reserva, pois a peça conta com a participação de apenas um menino.

Mesmo com todo o ensaio e preparação para cada modalidade da gincana, a aluna que protagonizou a peça de teatro enfrentou dificuldades ao se apresentar. Antes, quando não havia platéia, nada a intimidava; porém, quando se viu cercada de pessoas que a encaravam curiosas pela apresentação, ela não soube como dar o primeiro passo. A nossa intervenção, junto ao professor supervisor, deu a ela a confiança necessária para que se sentisse confortável. Ao ser questionada se gostaria de cancelar a apresentação, ela enxugou as lágrimas do rosto e disse: “Não, professor, eu quero apresentar”. Não só a protagonista, mas todo o elenco compartilhava esse sentimento de identificação. Após todos esses acontecimentos, a encenação aconteceu e foi brilhante, é aqui que reside a magia do ensino.

Neste sentido, também percebemos na escrita da aluna⁸ que a consciência histórica foi desenvolvida pela maneira como ela empregou as rupturas e continuidades no quadrinho; além do modo como foram descritas as formas de sentir, pensar e agir da protagonista, no contexto em que a narrativa foi pensada. Quanto aos demais alunos que compuseram o elenco, destacamos que as alunas se autodeclararam meninas negras e, por isso, se identificaram com a narrativa da peça, demonstrando interesse em participar. No caso dos meninos, eles consideraram que a peça não poderia deixar de ser encenada pela ausência de um personagem principal. Além do ato de encenar e de se cumprir com uma atividade da gincana, os alunos como um todo compreenderam que a mensagem antirracista contida na

⁸ Angelina Cavalcante Lima, menina negra de 12 anos de idade, cursa o 6º ano “A” na Escola Estadual Maria Cristina (EEMC), em 2023. Ela é autora da história em quadrinhos intitulada *Luzia em...Black do Poder!*, adaptada para *sketch* teatral; e também do poema *A Preta vai passar*. Ambas as obras foram produzidas como atividades escolares no presente ano corrente e letivo na instituição.

apresentação deveria ser comunicada. A narrativa em questão se evidencia no *Sketch*, transcrito na íntegra a seguir:

Luzia em... Black do Poder!

Menino: oi!

Luzia: Olá...

Luzia: Que foi? Algum problema?

Menino: Não... nada.

Luzia: Tá.

Menino: Seu cabelo é... diferente.

Luzia: Como assim, diferente?

Menino: Alto, cheio, sei lá! Não seria melhor... fazer uma escova ou alisar?

Luzia: Não! Meu black é minha coroa!

Menino: Como assim?

Luzia: Meu black é carregado de história e resistência. Sempre fomos levadas a acreditar que o cabelo liso era bonito, que estava dentro do padrão aceitável... mas deixa eu te dizer, o nosso cabelo natural é lindo e carrega a nossa história, a nossa autenticidade e a nossa força!

Menino: Tá, Mas... e eu com isso?

Luzia: E você com isso? Você e todos os outros que nos olham com estranheza terão que nos engolir, porque o nosso cabelo afro estará por todos os lugares, ocupando todos os espaços que quisermos.

Luzia: Podemos ser: advogadas, médicas, professoras, escritoras, musicistas, atletas e muitas outras coisas!

Todas juntas Tire seu preconceito do caminho, que eu vou passar com o meu cabelo e a minha cor!

(LIMA, C. Angelina. 2023, p. 1-2, adaptado).

Do recorte acima, nos diálogos entre a protagonista e um menino que se aproxima dela, destacamos os termos “história e resistência” e “padrão aceitável”, os quais demonstram a reflexão da aluna frente ao racismo estrutural, que ela entende como parte da realidade em que vive e que permeia o seu cotidiano escolar. Ao se referir ao cabelo afro, a aluna utiliza a seguinte frase: “nosso cabelo natural é lindo” (LIMA. 2023, p.1), acompanhada dos termos “nossa história”, “nossa autenticidade” e “nossa força”, que exprimem os conceitos de identidade e ancestralidade, como produto das discussões em sala de aula.

Além disso, é importante mencionar que a participação das demais meninas na peça se deu por intermédio da seguinte fala: “Tire seu preconceito do caminho, que eu vou passar com o meu cabelo e a minha cor!” (LIMA. 2023, p.2). Na cena, elas aparecem à medida que a protagonista menciona suas profissões. Dessa forma, percebemos a reflexão dos alunos sobre o racismo estrutural, por dois motivos: 1) a menção ao cabelo black power, que é vulgarmente relacionado a adjetivos depreciativos como: “duro”, “ruim”, “feito”, em oposição ao cabelo

liso; 2) a noção de lugar social, que fomenta um debate acerca dos lugares possíveis da mulher negra em evidência, que estruturalmente é marginalizado pela sociedade.

Ademais, nos chamou a atenção o nome da personagem principal ser Luzia. Ao questionar a aluna sobre o título que deu à sua obra, ela afirmou ter sido inspirada por uma das aulas de história que presenciou, onde trabalhamos noções iniciais de arqueologia, com base no conteúdo das primeiras migrações humanas. Na aula em questão, abordamos a descoberta do fóssil humano mais antigo encontrado na América do Sul, no município de Pedro Leopoldo (MG). Esse achado foi utilizado para a discussão em sala de aula das características dos primeiros habitantes sul-americanos. Logo, consideramos que a atitude de homenagem da aluna ao fóssil se deu pelo fato dela se enxergar nele, pois o fóssil apresenta traços negróides e pertence ao gênero feminino. Assim, identificamos o conceito de identidade e a problematização do passado como parte do que a estudante desenvolveu em seus estudos.

O poema, por sua vez, também dialoga com o tema da consciência negra e incorpora outras questões à discussão antirracista, como o feminismo, uma vez que retrata o cotidiano de uma menina negra que lida cotidianamente com o racismo. Na construção dessa narrativa, vemos os reflexos do Ensino de História. Ao convidar o leitor para imaginar, citando situações da vivência do eu lírico, a aluna nos apresenta formas de agir, pensar e sentir dentro do contexto que ela compreende e identifica a sua volta como cidadã. No poema, observamos saberes que também estão contidos na peça de teatro, é também pelo grau de semelhança entre as produções que compreendemos uma forte consolidação de conhecimentos atitudinais e interdisciplinares. Com isso, destacamos a posição questionadora da realidade na qual a aluna está inserida, demandando liberdade, respeito à diversidade e empatia. Portanto, trazemos para a reflexão do leitor uma realidade apresentada de forma poética pela aluna:

A Preta Vai Passar!

Imagine ser julgado apenas por ser quem é
Imagine não ter quem te bote fé.

Imagine ter sua história reduzida a nada
Imagine ser o tempo todo diminuída e calada.

Imagine suas queixas serem consideradas mi-mi-mi
Imagine ter um cabelo que todo mundo debocha e ri.

Imagine ter um baita potencial
e mesmo assim nem sempre chegar na final.

Imagine viver num mundo onde muita gente te considera inferior
e ainda assim cultivar amor.

Para muitas pessoas, isso é ser preto!

Agora, parem de imaginar e ouçam bem o que vou dizer: mesmo com todas as dificuldades, nós não vamos parar! seremos resistência e estaremos em todo lugar, por isso, vou logo avisando: tire seu racismo do caminho que a preta vai passar!

(LIMA, C. Angelina. 2023, adaptado).

Assim como na peça, o poema também levou várias meninas da turma a se identificarem com sua mensagem. Dentre elas, uma aluna, que também atuou na peça, se voluntariou para declamá-lo. Para pessoas já experientes, recitar um poema não exige grande esforço; o mesmo se diria de um ator profissional que sobe ao palco pela quingentésima vez. Todavia, em nossa prática de Ensino, tanto o poema, quanto a peça, precisaram ser ensaiadas, discutidas e planejadas. Esses procedimentos foram necessários principalmente para tornar evidente aos alunos que existe uma diferença entre ler e declamar. Além disso, os poemas trazem consigo uma carga de sentido que é subjetiva ao leitor. No momento em que um sujeito se propõe a ler algo, ele assume uma determinada postura, modula seu tom de voz e emprega um ritmo de leitura que norteia a interpretação do poema, podendo agregar outros significados ao texto.

Com essa mentalidade, em nossos ensaios de leitura poética, pedimos que a aluna refletisse sobre o significado do poema e o declamasse a partir disso. A estratégia que nós utilizamos para elucidar o processo de declamação consistiu na gravação de quatro vídeos em que os pibidianos e o professor supervisor declamaram o poema. O objetivo era mostrar quatro leituras com abordagens e interpretações distintas, que servissem de base para que a aluna desenvolvesse a sua própria forma de declamar. Como resultado, a apresentação foi realizada na gincana e no show de talentos da escola, que também ocorreu durante a Semana do Estudante. A aluna, que recebeu o primeiro lugar na modalidade de leitura poética do show de talentos, voluntariamente cedeu sua premiação à autora do poema, sua colega de turma, que abriu mão de fazer a leitura. Com isso, identificamos que, mesmo em um ambiente competitivo, o solidarismo, a generosidade e o senso de cooperação foram maiores do que a vontade de vencer, ao dividirem esse protagonismo.

Ainda durante a gincana, após as apresentações do poema e da peça, quando já tinham assistido muitas das apresentações das outras turmas da escola, os estudantes começaram a esboçar grande preocupação e nos procuravam, dizendo: “nós já perdemos, professor, não fizemos o que eles queriam!”. A grande questão é que a maior parte das turmas abordou a própria Escola Estadual Maria Cristina em suas apresentações, como plano de fundo do tema

identidade. Naquele momento, foi necessário reacender a discussão sobre esse conceito. Conversando com eles sobre os mesmos questionamentos que tinham feito, perguntamos se eles estavam satisfeitos com o trabalho que fizeram; se consideravam que tinham conseguido transmitir ao público as suas ideias, seus sentimentos e os conhecimentos que eles tinham adquirido em sala. Como resposta, obtivemos: “sim, a nossa mensagem foi passada”, dita com muito orgulho por eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término das atividades da gincana, compreendemos que por meio do trabalho interacional, conseguimos enxergar mudanças de pensamento e uma série de questionamentos⁹ dos alunos frente a situações de preconceito, percebemos também o desenvolvimento de uma habilidade fundamental: a postura investigativa. Produzidas subjetivamente, os alunos as refletem no momento em que duvidam, questionam, criticam e tentam intervir positivamente em seu cotidiano de forma espontânea, no momento em que lhes são dadas oportunidade de expressão. Nesse sentido, trazemos para reflexão o seguinte trecho, extraído da Base Nacional Comum Curricular, que dialoga com essas mudanças posturais por meio do trabalho interacional:

Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. (BRASIL, 2018, p. 14, grifo nosso).

Portanto, ao passo que nós vivenciamos e contribuímos para a elaboração das atividades que competiram nas provas da gincana, observamos a internalização de atitudes antirracistas. Com isso, podemos dizer que a narrativa da peça e do poema ultrapassam os muros da escola, uma vez que os alunos também compreenderam a linguagem artística como expressão daquilo que é sentido e vivido por eles. Para exemplificar essa mudança de atitude em relação ao racismo, trazemos um caso ocorrido em sala de aula, na manhã da gincana: enquanto as meninas se produziam para a peça, finalizando seus cabelos em cachos ou ondas bem definidas, evidenciando a beleza natural de cada um dos cabelos, um dos alunos da turma, muito impaciente pelo que considerou uma grande demora das produções, insinuou que os cabelos delas era “ruim”. Outro aluno, percebendo que as meninas se incomodaram

⁹ BRASIL, 2018,

com o comentário, se aproximou delas e elogiou o processo, dizendo: “está ficando muito legal, está bonito mesmo”. Esse aluno atuou na peça como o menino que dialogava com a protagonista, fazendo comentários depreciativos sobre seu cabelo. Com tantos ensaios, avaliamos que ele passou a compreender que aquela situação era problemática, chamando a atenção dos seus colegas pelo exemplo, fazendo com que refletissem sobre as suas próprias atitudes.

Em palavras finais, refletimos sobre a importância da escola e da imersão do profissional docente nas atividades institucionais para um melhor exercício de sua profissão. Momentos como a Gincana Estudantil permitem que toda a escola seja incluída no processo de ensino que estamos discutindo; essa integração que mobiliza a escola, a gestão, os profissionais, os alunos e a comunidade, possibilita um tipo de educação efetivamente transformadora. Além disso, o Ensino acontece na troca de experiências. Durante a gincana, percebemos que os jovens nos atualizam o tempo inteiro, apresentando demandas, questionamentos, levantando hipóteses e construindo o conhecimento histórico. Ademais, concluímos que a sala de aula é reflexo dos conflitos ocorridos fora do ambiente escolar. Assim, notamos outro saldo positivo da gincana: a forma como os alunos se integraram e passaram a se questionar sobre a sua identidade individual e coletiva, como jovens, como alunos da mesma instituição pública, como pertencentes a uma comunidade escolar, identificando entre si vivências semelhantes devido à idade e ao espaço que compartilham.

Em consonância com o pensamento da professora e historiadora Margarida Dias, “é a teoria da história que fundamenta o ensino de História, logo, a compreensão (e transformação) da disciplina escolar perpassa a interlocução com a construção do conhecimento histórico” (OLIVEIRA. 2011, p.12). Nesse sentido, o Ensino vai além dos conteúdos ministrados em sala de aula, ele capacita os alunos para que eles utilizem os saberes históricos para ler o mundo. A compreensão de conceitos como identidade, racismo, feminismo, ancestralidade, cooperação, os quais destacamos como potencialidades obtidas através da peça e do poema, são desafios de aprendizagem presentes no cotidiano dos alunos; cuja internalização fundamenta o exercício de cidadania que esses sujeitos irão desempenhar na sociedade que os cerca. Por esse motivo, o conteúdo é um meio para o desenvolvimento de competências e habilidades. Logo, afirmamos que o Ensino de História reside na construção progressiva do saber histórico junto à realidade dos estudantes, objetivando a produção de subjetividades com base em reflexões que tornem significativos os conteúdos da disciplina história.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Governo Federal pelo financiamento através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas do Ensino Superior (CAPES), para a realização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que promove formação de excelência no âmbito do Ensino e incentivo da produção científica. Ademais, agradecemos de igual maneira a Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Campus Natal, por abraçar esse programa e possibilitar vivências tão ricas e repletas de aprendizado como estas aqui relatadas. Outrossim, também agradecemos à coordenadora Margarida Dias e ao supervisor Robson Potier, por se dedicarem a esse projeto, nos possibilitando uma formação docente mais completa e vivenciada, que tivemos o privilégio de experienciar através de um grande laboratório de pesquisas que é o PIBID. Sem uma orientação e supervisão tão dedicada como essas, tamanho aprendizado não seria possível. Igualmente, agradecemos a 2ª Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC), de Parnamirim; e a Escola Estadual Maria Cristina por nos receber e, principalmente, aos nossos alunos. Sem eles, não haveria interação, não teria sentido estar nesse projeto, e nem nos formando como profissionais docentes: obrigado, crianças, vocês são essenciais!

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

GATTI JÚNIOR, D. *et al.* Introdução. In: **Coleção Explorando o Ensino: História** (Ensino Fundamental). OLIVEIRA, Margarida M. D. de. (Org.). Brasília/DF: Ministério da Educação, 2010, v. 21, p. 9-16.

LIMA, Angelina Cavalcante. **Luzia em... Black do Poder!** (*Sketch* adaptado). Não publicado. Parnamirim: Escola Estadual Maria Cristina, 2023.

_____. **Luzia em... Black do Poder!** (História em quadrinhos). Não publicado. Parnamirim: Escola Estadual Maria Cristina, 2023.

_____. **A Preta vai Passar!** (Poema). Não publicado. Parnamirim: Escola Estadual Maria Cristina, 2023.

OLIVEIRA, M. M. D. de; FREITAS, I. A formação do profissional de história na contemporaneidade. Editora UniLasalle: **Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle** (Mouseion: ISSN 1981-7207), Acesso em: <https://revistas3.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/download/1835/1239>. n. 19, p. 109-125, dez.-2014.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

